

# 40 ANOS DE MEMÓRIA E NARRATIVA DO NEGRO BRASILEIRO EM JORNALISMO IMPRESSO

## 40 YEARS OF MEMORY AND BRAZILIAN BLACK NARRATIVE IN PRINT JOURNALISM

Ana Senna<sup>1</sup>

Robson Santos Costa<sup>2</sup>



Vol.10 Número 20

jul./dez .2015

p. 563- 572

**RESUMO:** Este texto apresenta o Sistema de Informação “Memória Negra Brasileira” a partir de fontes de informação jornalística e que faz parte do Centro de Estudos Afro-Asiáticos, inserido na Universidade Candido Mendes – Rio de Janeiro. Para expô-lo utiliza-se um recorte do período que se inicia em 1972 e vai a 2012. Sua produção foi através do serviço de clippings, dos últimos 40 anos, na mais relevante mídia brasileira depois de 1970. O trabalho sobre o “Arquivo Memória Negra” objetiva ilustrar a importância do conteúdo de sua coleção que é um dos mais expressivos acervos para a preservação da trajetória afro-brasileira após os anos 70, do século XX, quando várias conquistas se realizaram. Percebe-se que o papel da informação e do conhecimento é crucial para explicitar a todos os eventos cotidianos de um grupo social que neste caso são os afro-brasileiros. A metodologia escolhida foi a qualitativa baseada num estudo de caso. Os instrumentos de coleta de dados fundamentaram-se numa revisão bibliográfica com o propósito de se construir um arcabouço teórico para dar suporte ao entendimento do fenômeno. O artigo revisou a literatura publicada desenvolvendo os conceitos articulados de Informação, Documento e Memória por autores renomados. Foram estabelecidos, também, os conceitos de Sistemas de Informação, Fontes de Informação Jornalísticas, além da história da criação deste singular Lugar de Memória.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arquivo memória negra. Informação jornalística. História afro-brasileira. Memória afro-brasileira.

**ABSTRACT:** This paper presents the Information System "Brazilian Black Memory" from journalistic sources of information and that is part of the Center for Afro-Asian Studies, located on the Candido Mendes University - Rio de Janeiro. To expose it uses up a clipping from the period starting in 1972 and going to 2012. Its production was through the clippings service, the last 40 years, the most important Brazilian media after 1970. The work on the

<sup>1</sup>Professora Assistente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CBG/FACC). Mestre em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) -1995. Estudante de Doutorado em Ciência da Informação (IBICT/MCTI/ECO/UFRJ). [anamariasenna@yahoo.com.br](mailto:anamariasenna@yahoo.com.br).

<sup>2</sup>Professor Assistente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CBG/FACC). Estudante de Doutorado em Memória Social (UNIRIO) na área de Memória e Linguagem. Mestre em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). [anamariasenna@yahoo.com.br](mailto:anamariasenna@yahoo.com.br).

"File Black memory" objective illustrate the importance of the contents of your collection that is one of the most significant collections for the preservation of african-Brazilian history after the 70s of the twentieth century, when several achievements took place. It is noticed that the role of information and knowledge is crucial to explain to all the daily events of a social group which in this case are the african-Brazilian. The chosen methodology was based on a qualitative case study. Data collection instruments grounded it on a literature review with the purpose of building a theoretical framework to support the understanding of the phenomenon. The article reviewed the literature published developing articulated concepts of Information, Document and Memory by renowned authors. They were established also the concepts of Information Systems, Information Journalistic sources, besides the history of the creation of this unique Memory Place.

**KEYWORDS:** Black Memory Archive. Press information. Afro-Brazilians History. Afro-Brazilians Memory.

## Introdução

O texto tem como finalidade apresentar o Sistema de Informação "Memória Negra Brasileira", parte integrante da Biblioteca do Centro de Estudos Afro-Asiáticos da Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, que é composto por informações jornalísticas da imprensa mais expressiva brasileira dos últimos 40 anos, principalmente das cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Brasília. Tais informações foram organizadas a partir de 1972 em clipping impresso que é definido como recorte de jornal - e após 2001 em suporte eletrônico/digital. É fundamental salientar o valor que esse acervo tem como um instrumento de preservação da história e memória registrada da comunidade afro-brasileira.

A Universidade Candido Mendes, criada em 1902, mantida pela Sociedade Brasileira de Instrução – SBI, sempre associou o ensino, pesquisa e cultura, fixando-se em determinados campos de ação e do conhecimento. Diversos Centros de pesquisa fizeram e fazem parte desse princípio. O Centro de Estudos Afro-Asiáticos – CEAA, fundado em 1973, foi um deles. Dedicando-se ao ensino, pesquisa, extensão, divulgação e documentação sobre o continente africano e asiático, além de possuir um permanente intercâmbio com os movimentos sociais de temáticas afins. Adesky (1997, p. 178) diz que:

As bases democráticas de uma sociedade multicultural levam exatamente à exigência e à aceitação do reconhecimento de igual valor das diferentes culturas que a compõem. O desafio que tal sociedade coloca é conseguir tornar possível a convivência de culturas ou grupos variados. Trata-se, portanto, de instaurar consenso democrático [...]. Dessa forma, o multiculturalismo chega a expressar um sentido político [...].

Em 1997 a Universidade Candido Mendes foi credenciada por Decreto presidencial, como a primeira universidade do país com excelência em Ciências Sociais e Humanas. Por possuir um raro acervo sobre esses temas, o Centro de Documentação do CEAA foi – e continuou sendo – um dos principais núcleos do Brasil e da América Latina em sua especialidade e fez parte do Instituto de Humanidades, criado em 2001. Em 2012 o CEAA vinculou-se ao Programa de Pós-Graduação do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Monteiro (1991 apud UNIVERSIDADE..., 1998) escreveu que o CEAA desempenhava um papel decisivo na formação dos militantes sobre a questão africana e a sua relação política e direta com as relações raciais no Brasil, sobretudo na documentação efetiva e facilmente acessível de sua biblioteca.

Para Araújo (1995, p.1) os sistemas de recuperação de informação "objetivam dar acesso às informações potencialmente contidas em documentos neles registradas e

serão usados indistintivamente”. É o reconhecimento desses sistemas como um instrumento indispensável para a sociedade contemporânea que os insere no contexto da cultura, da tecnologia, das instituições e organizações políticas e econômicas.

Acreditamos ser indispensável, para uma maior compreensão da relevância do “Memória Negra Brasileira” definirmos mais claramente o que seria um documento e sua relação com os conceitos de informação e memória.

Ao falarmos de documento – aqui utilizamos o termo como sinônimo de fonte de informação – é necessário recordarmos que os conceitos surgem para resolverem problemas (DELEUZE, 1991). Deste modo, a conceituação inicial do conceito de documento nasce da necessidade de se combater a veracidade das fontes, visto que “perante a abundância de documentos falsos, a dúvida tornou-se freqüentemente como um reflexo natural de defesa” (BLOCH, [1993?], p. 75).

Em 1681 começam os primeiros estudos acerca do que realmente seriam os documentos, onde podemos citar como obra precursora *De Re Diplomatica* do monge e historiador francês Jean Mabillon. Essa obra pode ser vista como a que institui definitivamente “a crítica dos documentos de arquivo” (BLOCH, [1993?], p. 75).

Vindo para a era contemporânea, podemos dizer que atualmente “o conceito de fonte de informação ou documento é muito amplo” (CUNHA, 2001, p. viii). Tal fato dependerá, inclusive, do campo do conhecimento no qual estamos falando de documento (COSTA, 2004).

Categoria como forma/conteúdo ou informação/suporte físico farão parte de qualquer conceituação que dermos a documentos, porém eles não são suficientes para transpor objetos à categoria de documentos (DODEBEI, 2000, p. 60). Por esse motivo, Dodebei (2000) apresenta três proposições indispensáveis para que um objeto social se construa como um documento de centro de informação: unicidade, virtualidade e significação.

A primeira proposição relata que os documentos não possuem diferencial em relação à sua essência, não obtendo, desse modo, categoria específica em conformidade ao seu repositório, seja uma biblioteca ou um museu, por exemplo. Os predicados atribuídos por um indivíduo no espaço/tempo a um objeto é algo da vontade particular desse indivíduo, ou seja, é seletiva, podendo um mesmo objeto ter diferentes classificações. A isso podemos denominar virtualidade. Por último, a significação diz respeito a intencionalidade da transformação de objetos do cotidiano em documentos, sendo estes pertencentes a uma categoria temporária e circunstancial.

Visto assim, não podemos considerar como documento apenas materiais impressos, mas, como já dizia Paul Otlet, no início do século XX (OLIVEIRA, 2005, p. 10-11), devemos pautar a seleção de um objeto para a categoria de documento por sua relevância informacional – o que, logicamente, pode variar em diferentes contextos.

Além disso, Dodebei (2000) afirma que todo documento possuirá informação e memória. Podemos ver a informação como um instrumento que sintoniza o mundo “como onda ou partícula, participa na evolução e da revolução do homem em direção à sua história” (BARRETO, 1994). A informação é o que leva o sujeito social à compreensão, podendo ser vista como um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual” (OLIVEIRA, 2005, p. 18), sendo que ela sempre estará em uma linguagem específica e comportará um elemento de sentido. Vista como um fenômeno social, a informação é tão ampla “que abrange todos os aspectos da vida em sociedade” (OLIVEIRA, p. 19), sendo que a linguagem pode ser vista como o instrumento no qual a sociedade constrói seus contextos de vida, onde estabelecem relações afetivas, comerciais, informacionais.

Relacionado aos conceitos de documento, informação e linguagem a memória

aparece como um componente de grande importância para as concepções dos outros conceitos anteriormente mencionados. Sem a memória, a própria noção de sociedade ou, possivelmente, a constituição do que entendemos como ser humano seria algo impraticável. Para Foster (2011, p. 7) sem a memória “não seríamos capazes de falar, ler identificar objetos, orientar-nos no ambiente ou manter relacionamentos pessoais”. A memória é o instrumento que nos constrói e que utilizamos para constituir o mundo ao nosso redor e os sentidos que dele criamos.

Porém, estamos falando aqui mais especificamente da memória relacionada à informação presente nos documentos. Se entendermos essa memória como representação, podemos ver os documentos selecionados para um repositório como uma memória e uma representação obtida por isolamento. Isso não significa que essa representação será algo “imóvel”, sem mobilidade social, pois os espaços de representação são sempre móveis, o sujeito social é quem constituirá significados a essas representações e construirá memórias sobre a informação ali presente, pois os documentos são documentos do social (DODEBELI, 2000).

Historicamente a memória, enquanto uma manifestação cultural, é um tema refletido desde a antiguidade, atravessando os séculos com abordagens diversas, marcadas por conceituações que incorporam enfoques da filosofia, psicologia, e a partir do século XIX, das Ciências Sociais e Humanas. A história da comunicação humana pode ser sintetizada após o desenvolvimento dos símbolos e sinais, da linguagem, da escrita, da impressão e da comunicação em massa. Foi a combinação destes sistemas de comunicação que mais influenciou a existência humana. A linguagem, nesse sentido, foi mais que qualquer criação anterior fundamental para a organização social. Mas é a partir da escrita que a memória da humanidade passa a ser armazenada, acumulada e transferida para as futuras gerações permitindo, grandes mudanças sociais e culturais.

É o registro, de forma escrita, que permite uma permanência no tempo das práticas humanas possibilitando que possam ser reproduzidas e reformuladas infinitamente. Contudo, Bourdieu (1989) aponta que “o que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de subverter é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença que não é da competência das palavras”.

Não obstante, as singularidades e a polissemia do conceito da memória, este trabalho traz uma reflexão, particularizada, nos “lugares de memória”: arquivos, museus e bibliotecas. Para Pierre Nora (1993), esses lugares emergem a partir do momento em que a memória deixa de ser um processo dinâmico dos grupos sociais e suas inter-relações em permanente evolução. “São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos.” (NORA apud RIBEIRO, 2010, p. 38).

E a quem é dado o poder da escolha desses acervos? Ratifica-se Foucault (apud CAPELATO, 1988, p. 24) quando vai além atestando que “o documento é resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da sociedade que o produziu e também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver esquecido ou manipulado”. Deste modo, “os lugares de memória” são espaços políticos, de relações de força e de circunstâncias institucionalizadas. O agenciamento dessas instituições, se ajusta ao mundo histórico de acordo com sua própria história. Reúnem grupos e funcionam porque o grupo específico desses lugares é estimulado por interesses comuns e dentre esses assegurar a transmissão e perpetuação da memória escolhida.

Tenta-se buscar os lugares de memória dentro de circunstâncias culturais. A representação desses lugares, na atualidade, deve gerar, previamente, considerações que levaram a produção, a seleção e o armazenamento quando de suas implementações. Seus objetivos são que pessoas compartilhem significados. A interpretação dos significados estará

sobremaneira vinculada à distribuição que um e outro tenham no espaço social.

A história do acervo “Memória Negra Brasileira” abrange desde a época da Ditadura Militar e todos os acontecimentos sociais e políticos posteriores. Sua dimensão é aproximadamente de 70.000 itens de informação impressos e digitais sobre a comunidade afro-brasileira. Entendemos esses documentos como “[...] sinônimo de texto em linguística de forma que o mesmo possa ser considerado uma unidade [...]” (ROBERTSON apud ARAÚJO JUNIOR, 2007, p. 74). Especial atenção deve ser dada ao aspecto inter e transdisciplinar dessas informações que devem ser vistas dentro dessa perspectiva. Seu conteúdo, registro de fontes de informações jornalísticas, é advindo da responsabilidade de seus autores em suas observações para produzirem a história do dia a dia. Para mostrar a contribuição que essa documentação tem para a preservação da memória e história do Brasil, elaboramos uma pesquisa qualitativa, utilizando o estudo de caso através da pesquisa bibliográfica, análise documental e observação participativa.

### **Fontes de informações jornalísticas**

O jornal é uma das mais significativas fontes de informação para a sociedade. Por ter quase sempre uma penetração diária, se torna um dos maiores testemunhos da vida cultural e das transformações históricas. Teixeira (2008) ressalta que para o uso do jornal como fonte de informação tem que se considerar as quatro funções provenientes dele: noticiosas, narrativo ideológico, documento histórico e demandas específicas.

Ler, ver ou escutar jornais é estar inserido no contexto presente ou mesmo no contexto do passado. Por isso, autor como Gilberto Freire que fez seu trabalho acadêmico nos EUA, em 1922 cujo título – O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX – e que se tornaria um grande exemplo de como fontes variadas inseridas num jornal podem se desdobrar através de interpretações distintas e em diversas áreas do conhecimento. Freire (1979, p. 12) disse: “O que fiz dentro de um abrangente e mesmo panorâmico critério de estudo, através de anúncios de jornais, de aspectos os mais íntimos da ordem social brasileira nos dias patriarcais [...]”.

Muitos autores criticam as fontes jornalísticas por seu aspecto tendencioso. Capelato (1988, p. 22) diz que “a maioria dos jornalistas hoje admite que o fato jornalístico é construído sendo, pois, de objetividade relativa.”

É imprescindível um rigor metodológico para fazer História através da mídia. A produção dessas narrativas de História e Memória para Fernandes (2011) implica na investigação dos processos de sua construção, origem e funcionamento. Por isso Teixeira (2008, p. 82) aponta o profissionalismo do jornalista para o jornal, enquanto um documento histórico, ressaltando a sua responsabilidade “em assumir o compromisso com a máxima verossimilhança na apuração, descrição e narração dos fatos [...]”.

Para Le Goff (apud CAPELATO, 1988 p. 230) existem duas histórias e ele afirma que “é desejável que a informação histórica fornecida pelos profissionais da área esclareça a memória e ajude a retificar seus erros”.

### **Centro de Estudos Afro-Asiáticos**

O Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA), vinculado à Universidade Candido Mendes, foi criado em 1973 no Rio de Janeiro, em conformidade com a política externa brasileira, iniciada na década de 1960 no governo do presidente Jânio Quadros, voltada para os continentes africano e asiático. Neste sentido, o Prof. Candido Mendes, que havia feito parte da equipe de técnicos ligados ao Itamaraty colaborando na política externa na área cultural, transferiu sua experiência de relacionamento com os líderes políticos como Kwame

N'Krumah (Ghana), Leopold Senghor (Senegal) e Julius Nyerere (Tanzânia) para o CEAA. Dessa forma, o CEAA, no âmbito de uma instituição privada, conseguiu dar continuidade a uma proposta de política internacional, mantendo ativa as relações culturais do Brasil com vários países do continente africano (PEREIRA, 1991).

Largamente reconhecido por estudiosos das relações raciais (antropólogos, sociólogos e historiadores) como uma importante instituição preocupada com as questões raciais dentro e fora do país, o CEAA figurou no cenário político brasileiro com grande importância para a comunidade negra carioca, possibilitando a constituição de um núcleo para restabelecimento das mobilizações desse seguimento social.

Tempos de Lutas de Libertação Africanas: da coragem política de Agostinho Neto; da lucidez de Amílcar Cabral; da convicção inabalável de Samora Machel. Luther King, Malcolm X, Muhammad Ali e os Panteras Negras – todos haviam feito nossas cabeças (PEREIRA, A., 2006, p. 39).

Num momento em que temos o Movimento Negro no Rio de Janeiro preocupado em redefinir o espaço ocupado pelo negro na sociedade e em promover discussões acerca da autoestima desse grupo desfavorecido dos meios de produção. O protagonismo do CEAA instituiu um local como espaço usado por militantes, simpatizantes, estudantes, intelectuais negros e brancos para fomentar a discussão da questão racial, situado em Ipanema, na Zona Sul do Rio de Janeiro, antiga sede do CEAA. (LIMA, 2007).

O CEAA promoveu e participou de vários eventos regionais, nacionais e internacionais de caráter acadêmico, empresarial e fóruns de discussão e difusão das pesquisas na área. Divulgou sua produção acadêmica através de diferentes mídias e sua principal produção, a Revista Estudos Afro-Asiáticos se tornou uma das maiores referências entre as principais universidades e em representações diplomáticas do Brasil e do mundo nesses temas. Em 31/05/2001 foi inaugurada a Biblioteca Pio X, subordinada à Direção do recém-criado Instituto de Humanidades e o CEAA passa a ser um departamento do Instituto.

Vale ressaltar a vanguarda do CEAA que em 1997 cria o primeiro curso Lato Sensu em História da África com o objetivo de formar professores capacitados a ministrar cursos dessa história e da História afro-brasileira. O vanguardismo do CEAA se consolidou quando foi sancionada a Lei nº 10.639 de 10/01/2003, que institui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino das escolas brasileiras.

### **Arquivo memória negra brasileira**

A presença africana e afro-brasileira posteriormente, sempre suscitou uma análise dos estudiosos da sociedade brasileira e de sua composição racial desde o tempo colonial e imperial com os relatos dos viajantes que por aqui passaram. Esses trabalhos antecedem a própria institucionalização das Ciências sociais no Brasil que pode ter em Nina Rodrigues um dos precursores e mentor de uma escola intelectual de estudos relacionados aos negros. A partir dos anos 30 percebeu-se a necessidade de formação de profissionais capazes de estudar e pesquisar a realidade da sociedade brasileira. Não apenas o presente, mas articular sua conjuntura com seu passado histórico. Hoje a construção do saber contemporâneo sobre as relações raciais brasileiras pode encontrar fontes de uma riqueza ímpar no arquivo “Memória Negra”, da UCAM. Por ser oriunda de diversos jornais brasileiros, a mesma informação pode ser encontrada com olhares variados.

O primeiro clipping desse acervo que servia de paradigma para outras instituições tem seu registro inicial em 13/01/70 (o nome do veículo não está claro, foi carimbado – O Jornal – mas sem outra informação ilustrativa da procedência). É a partir de 02/10/1972 com um item

de informação do Jornal do Brasil que os clippings passam a ser corretamente identificados em relação às fontes. No início dos anos de 1980 o corte de jornal era feito manualmente e seguia certa padronização, com divisão em categorias bem gerais e dossiês em ordem cronológica.

E sem qualquer material técnico que pudesse me basear para trabalhar; não tinha tabelas de classificação ou cabeçalhos de assunto. E mesmo que tivesse material técnico não teria adiantado muito porque, a partir do momento que saí pesquisando em outras bibliotecas, percebi que esses materiais não traduziam as informações de nossos documentos e a necessidade dos usuários (SENNA, 1984, p. 100).

Os problemas para indexar e organizar eram desafiantes. Conforme a Vice-direção mudava no CEAA os interesses por áreas específicas acompanhavam as novas linhas e as coleções da Biblioteca eram alvo de disputa política e relações de força.

Desde a Antiguidade, a biblioteca sempre foi o local mais apropriado para conservar e destruir livros em grande escala. Reunidas num único edifício, publicações das mais diversas origens acabam sendo alvo fácil para ódios políticos ou ainda vítimas passivas de guerras e de acidentes naturais. (BATTLES, 2003).

De 1986 a 1996, assume a vice-direção executiva do CEAA, Carlos Hasenbalg, acadêmico argentino, inovador nos estudos das relações raciais brasileiras por apresentar um novo paradigma teórico. Promove uma reorientação acadêmica e investimentos em pesquisas sobre a questão racial do Brasil e é a fase de ouro do CEAA sobre questões acadêmicas da temática afro-brasileira. O incentivo à ampliação do acervo, sua organização e informatização foi fundamental para tornar o Centro de Documentação do CEAA uma referência nacional e internacional. Moutinho explica esse desenvolvimento:

[...] o treinamento de um pequeno grupo de pesquisadores negros e pesquisas contratadas; a criação de um concurso nacional de pesquisa sobre o negro no Brasil [...] e a ampliação do Centro de Documentação e Biblioteca [...] e finalmente um espaço para exposição e discussão acadêmica das pesquisas em andamento. (MOUTINHO, 1996, p. 113).

Auxiliados pela chefe da biblioteca, os estagiários que agora trabalhavam nos recortes dos jornais dão mais especificidade às categorias das informações dos clippings mesmo após a contratação, em 01/04/1989, do serviço da LUX Jornal, uma empresa especializada em clippings. A partir de 13/01/2001, depois de outras mudanças políticas ocorridas dentro da Instituição CEAA, os clippings começam a ser enviados em formato eletrônico (através de e-mail institucional). Posteriormente, um modelo bem mais simples e prático para organização e manutenção do acervo do arquivo “Memória Negra”, possibilitou, após uma parceria operacional da LUX Jornal com a empresa Topclip Monitoramento & Informação, inovações na apresentação do material. O que resultou na migração para novo sistema de gestão e fornecimento de clipping digital, disponibilizado diariamente em página personalizada, a partir de abril de 2007.

Na evolução desse acervo vários acontecimentos internos fundamentaram a sua importância. Em uma disputa política o CEAA desmembrou e permaneceu com esse nome para os estudos africanos e criou-se o CEAB – Centro de Estudos Afro-Brasileiros. O CEAB levou o arquivo dos clippings, redefiniu seu padrão, as categorias voltaram a ser gerais prejudicando sobremaneira a recuperação da informação. Com o fechamento do CEAB em 2005 o acervo retorna para o espaço da Biblioteca Pio X e continua disponível para consulta. Ressaltando que o interesse pela documentação do acervo caiu consideravelmente e vários são os motivos, dentre eles: a pouca visibilidade do acervo após o fechamento do CEAB.

Este trabalho é um estudo de caso tendo como foco o arquivo “Memória Negra

Brasileira” do Centro de Estudos Afro-Asiáticos, da Universidade Candido Mendes – Rio de Janeiro. Foi necessário buscar outros instrumentos para dar orientação e suporte. Para a fundamentação teórica criou-se as categorias informação, documento, memória, fontes de informações jornalísticas e sistemas de informação, investigando suas articulações e utilizando-se da pesquisa bibliográfica para este desenvolvimento conceitual. A observação participativa foi fundamental para o acompanhamento da história do arquivo e foi corroborada com a análise dos documentos oficiais da Instituição.

### Considerações

As informações de fontes jornalísticas podem se constituir em textos com os mais diversos significados e produzir diferentes aspectos da realidade social. Este trabalho apresentou o arquivo “Memória Negra Brasileira” que se situa num espaço singular de representação da comunidade afro-brasileira. A intenção foi apresentar sua trajetória nos últimos 40 anos, mostrando os engajamentos políticos e sociais resultados de experiências do dia a dia e onde fatos poderão gerar múltiplas interpretações. A vanguarda mais uma vez do CEAA trouxe a discussão da multiculturalidade como uma ferramenta de cidadania, pensando a cidadania como o direito de qualquer cidadão de se incluir com iguais oportunidades por ascensão na sociedade.

O recorte dos registros de informações na mídia e a sua organização em clippings auxiliam a pesquisa como mais um valioso recurso informacional neste caos informacional da sociedade contemporânea. Apresenta uma característica cultural porque acompanha os costumes de uma determinada sociedade ou segmento dela, assim como é memória documento que é básico para o fazer da história por testemunhar os fatos e as transformações oriundas deles.

A articulação entre informação jornalística e história/memória deixa como resultado indiscutível o valor que o arquivo “Memória Negra Brasileira” tem para a preservação da trajetória afro-brasileira e como um celeiro para pesquisas futuras.

Encerramos nossa reflexão preocupados com o destino desse acervo que, atualmente, com o fechamento da Unidade Pio X, da Universidade Candido Mendes, foi encaixotado e, dessa forma, encontra-se na Unidade Centro - Assembleia, sem os cuidados devidos para uma coleção organizada sobre o negro brasileiro com tal importância para a História do Brasil.

### Notas

O Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA) reconhece em sua história, a colaboração do Prof. José Maria Nunes Pereira, que desde que inicia as atividades desta instituição, vem colaborando como grande conhecedor que é do continente africano, trazendo idéias e experiências adquiridas no tempo em que foi “dirigente da Associação de Estudantes Africanos (Casa de Estudantes do Império), no Porto” (UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES, 1998, p. 6).

### REFERÊNCIAS

- ADESKY, Jacques d'I. Pluralismo étnico e multiculturalismo. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 19, 1997. p. 165-182.
- ARAÚJO JUNIOR, Rogério Henrique. **Precisão no processo de busca e recuperação da informação**. Brasília: Thesaurus, 2007.
- ARAÚJO, Vania Maria Rodrigues Hermes de. Sistemas de informação: nova abordagem teórico-conceitual. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 24, n. 1, 1995.
- BARRETO, Aldo. A questão da informação. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 8, n. 4,

1994. p. 3-8.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003. Informação retirada da orelha do livro.

BLOCH, Marc. **Introdução à História**. 6. ed. [S.l.]: Publicações Europa América, [1993?]. (Coleção Saber, 59).

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1988.

CARVALHO, Monica Marques; CARVALHO, Luciana Moreira; FREIRE, Isa Maria. **A prática da responsabilidade social através do Sistema de Recuperação da Informação do núcleo temático da SECA**. Disponível em: <http://www.nutseca.ufrn.br>. Acesso em: 25 jul. 2009.

COSTA, Robson Santos. **Linguagens contemporâneas: discurso e memória nos quadrinhos de super-heróis**. 2007. 116 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

\_\_\_\_\_. **As histórias em quadrinhos: fonte de informação, de política e de história**. 2004. 115 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia)- Departamento de Estudos e Processos Biblioteconômicos, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Para saber mais: fontes de informação em ciência e tecnologia**. Brasília: Brique de Lemos, 2001.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Felix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1991.

DODEBEI, Vera Lúcia Doyle. Construindo o conceito de documento. In: LEMOS, Maria Tereza Toribio Brittes; MORAES, Nilson Alves de (Org.). **Memória, identidade e representação**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000. p.59-66.

FERNANDES, Terezinha Fátima T. Dias. **Cultura e memória social no discurso jornalístico**. Disponível em:

<[http://www.entretextos.jor.br/page\\_txt.asp?smn=2&txt=39](http://www.entretextos.jor.br/page_txt.asp?smn=2&txt=39)>. Acesso em: 14 jan. 2011.

FOSTER, Jonathan K. **Memória**. Porto Alegre: L&PM, 2011. (Coleção L&PM Pocket; v. 977)

FREIRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

LIMA, José Antonio da Cunha. **Fluxos de informação no movimento negro brasileiro: do correio nagô ao virtual**. 2007. 130 f. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social/IBICT, Niterói, 2007.

MENEZES, Geany. **Qual a importância do clipping?** Disponível em: <http://www.sinprop.org.br/clipping/2003/033htm>. Acesso em: 18 maio 2010.

MOUTINHO, Laura. **Negociando discursos: análise das relações entre a Fundação Ford, os movimentos negros e a academia na década de 80**. 1996. 136 f. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, IFICS, Rio de Janeiro, 1996.

MUELLER, Suzana P. M. (Org.). **Métodos para a pesquisa em Ciência da informação**. Brasília: Thesaurus, 2007.

OLIVEIRA, Carmen Irene de. **O remake: produzir sentidos diferentes a partir do mesmo, ou como a informação não-científica articula a relação cinema/memória/ciência**. Niterói, 2009. 277 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal Fluminense/IBICT, Niterói, 2009.

OLIVEIRA, Marlene de. Origens e evolução da Ciência da Informação. In: OLIVEIRA, Marlene de (coord.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**, Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2005.

PEREIRA, Amauri Mendes. Romper e construir. In: GARCIA, Januário (Org.). **25 anos 1980 – 2005: movimento negro no Brasil**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. p. 39.

PEREIRA, José Maria Nunes. **Os estudos africanos no Brasil e as relações com a África - um estudo de caso: o CEAA (1973 -1986)**. 1991. 153 f. Dissertação (Mestrado)- Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

RODRIGUES, Anderson; SILVA, Ana Rosa. Base de dados de informações jornalísticas sobre a Amazônia: ciência e tecnologia e meio ambiente – BJJAM em busca de qualidade. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 36, n. 1, jan./abr. 2007.

SENNA, Ana. **Estudos afro-brasileiros e a comunicação científica**. 1995. 135 f. Dissertação (Mestrado)- Escola de Comunicação, IBICT, UFRJ, Rio de Janeiro, 1995.

\_\_\_\_\_. A indexação dos periódicos do CEAA. In: ENCONTRO DE INDEXADORES DE PERIÓDICOS, 1., 1984, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Centro de Memória Social, Faculdade Cândido Mendes, 1985. p. 100-102.

TEIXEIRA, Nísio. Jornais. In: CAMPELLO, Bernadete; CALDEIRA, Paulo da Terra (Org.). **Introdução às fontes de informação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 67-86.

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES. **Centro de Estudos Afro-Asiáticos: 25 anos**. Rio de Janeiro, 1998.

Recebido em: 03/06/2014

Aprovado para publicação em: 03/08/2015